

IDENTIDADE, AUTOESTIMA E IMAGEM CORPORAL: MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA E “AS MÁSCARAS DE DANDARA”

IDENTITY, SELF-ESTEEM, AND BODY IMAGE: MENINA BONITA DO LAÇO DE FITA AND “AS MÁSCARAS DE DANDARA”

Fabiana Garafini
Mestre em Letras

URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(fabigarafini@hotmail.com)

Gabriela Cornelli dos Santos
Mestre em Letras

URI – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
(gabrielacornellidossantos@hotmail.com)

RESUMO: Este artigo consiste em uma análise da *Menina Bonita do Laço de Fita* de Ana Maria Machado e o conto “As Máscaras de Dandara” de Serafina Machado; ele visa explicar como a identidade negra é estabelecida nos protagonistas de ambos os enredos. A análise baseia-se em reflexões sobre a identidade, e em pensamentos de Kabengele Munanga sobre a relação entre corpo e identidade, em especial seu postulado de que o corpo é a sede de todos os outros aspectos da identidade. O estudo contrasta o orgulho da Menina Bonita em ser preta com a introjeção de preconceito de Dandara contra o corpo negro, e o consequente desenvolvimento de uma baixa autoestima. A análise segue, então, a decisão de Dandara em usar máscaras até a aceitação final de si mesma como um ser/corpo negro, e a aceitação de sua herança Africana como parte do processo de resgate de sua identidade construída a partir da diferença.

Palavras-chave: Identidade; Autoestima; Corpo negro; *Menina Bonita do Laço de Fita*; “As Máscaras de Dandara”.

ABSTRACT: This article consists of an analysis of Ana Maria Machado’s *Menina Bonita do Laço de Fita* and Serafina Machado’s short story “As Máscaras de Dandara”; it aims at explaining how black identity is established in the protagonists of both plots. The analysis relies on reflections on identity, and on Kabengele Munanga’s thoughts on the relation between body and identity, in special his postulate that the body is the foundation of all other aspects of identity. The study contrasts Menina Bonita’s pride in being black with Dandara’s introjection of prejudice against the black body, and the consequent development of low self-esteem. The analysis follows, then, the decision of Dandara to wear masks until her final acceptance of herself as a black being/body, and the acceptance of her African heritage as part of the process of rescuing her identity which is constructed from the difference.

Keywords: Identity; Self-esteem; Black body; *Menina Bonita do Laço de Fita*; “As Máscaras de Dandara”.

Aquele que adora o preto é tão ‘doente’ quanto aquele que o execra. Inversamente, o negro que quer embranquecer a raça é tão infeliz quanto aquele que prega o ódio ao branco.
Frantz Fanon (*Pele negra, máscaras brancas*, 2008, p. 26).

A identidade cultural tem sido amplamente discutida, especialmente nas sociedades pós-coloniais, devido à transformação pela qual os seus sujeitos tiveram que passar após a grande pressão que o colonialismo impôs, ao tratá-las como sociedades estigmatizadas e inferiores às ocidentais. No entanto, após adquirirem sua independência política, estas nações começaram a ir em busca do que supostamente haviam perdido: sua identidade.

Hall, ao dedicar-se ao estudo da identidade cultural ressalta que essa busca da identidade “perdida” não se resume a isso. Ao ir ao encontro de sua identidade “legítima” ou essencial, o sujeito pós-colonial produz nova identidade e não redescobre ou exuma o que a experiência colonial enterrou e cobriu, apenas. A identidade cultural “não é jamais uma essência fixa que se mantenha imutável, fora da história e da cultura” (1996, p. 70), pois provém de algum lugar e tem história. E como tudo o que tem história sofre transformação constante, assim é com a identidade cultural, ela tem fluidez, movimento e poder de reconstruir e transformar as identidades históricas, herdadas de um suposto passado comum.

Rutherford explica que “a identidade é a intersecção de nossas vidas cotidianas com as relações econômicas e políticas de subordinação e dominação” (*apud* WOODWARD, 2000, p. 19). Nas desigualdades sociais, advindas de sistemas políticos e econômicos rígidos, as identidades são contestadas. Dessa forma, estes povos que ficam à mercê de dominação vêm-se obrigados a posicionar-se de maneira diferenciada e buscar o que agora lhes falta e, nesta busca, criam-se novas identidades.

Um exemplo dos que residem à margem da história e, por conseguinte, vivem em busca de se reposicionarem quanto à identidade é, frequentemente, os negros. A identidade negra ou negritude, assim como qualquer outra, para construir-se, deve tomar consciência das diferenças entre o “nós” e os “outros”. E é nesse momento que surgem questões complexas como o racismo, o antirracismo e o autorracismo, mas também a tomada de consciência de afirmação e construção de um sentimento comum de dignidade humana.

Quando falamos em identidade negra necessariamente envolvemos uma personalidade coletiva. Os seus fatores de composição: históricos, linguísticos e psicológicos (MUNANGA, 2012, p. 12), podem unir-se e formar uma identidade

perfeita, ou enfraquecer-se com a predominância de outro e tornar-se uma identidade em crise.

Em um debate ainda confuso sobre o que é ser negro¹, a negritude não deve ser considerada a identidade somente daquele que possui a pigmentação escura da pele, mas de todos aqueles que se sentem como vítimas de um estado de um poder que não contempla sua importância:

Persistimos em afirmar que a identidade negra mais abrangente seria a identidade política de um segmento importante da população brasileira excluída de sua participação política e econômica e do pleno exercício da cidadania (MUNANGA, 2012, p. 16).

A negritude abarca muito além da cor negra da pele. Contempla todos os grupos humanos que foram, na história, vítimas das piores formas de desumanização e de terem suas culturas negadas. A negritude torna-se um clamor constante de todos os que receberam a condição de objeto e aceitação passiva para que se engajem na reabilitação dos seus valores e culturas autênticos que lhes foram usurpados sem direito de defesa.

O que de fato interessa à negritude, para que ela se torne efetiva, é tomar consciência histórica de sua participação na cultura brasileira. O perigo está quando, de forma contrária, a consciência identitária é manipulada por uma ideologia dominante, que age com desejos separatistas. Para Munanga “essa manipulação pode tomar a direção de uma folclorização pigmentada despojada de reivindicação política” (2012, p. 13).

Pereira acrescenta que “os filhos da luta são preciosos, não devem ser criados e se desenvolver de qualquer maneira” (2012, p. 218). Somente com a responsabilidade de todos, brancos, negros, mestiços é que será possível inaugurar uma era de igualdade de oportunidades, de justiça social e democracia.

Para que não se perca no seu desejo de conscientização e afirmação e construção identitária, a comunidade que clama pela negritude deve ter a precaução de não cair em uma armadilha que ela mesma pode elaborar: a segregação cercada

¹ Partindo da verdade histórica que a África é o berço da humanidade, todas as pessoas, independente da sua cor seriam afrodescendentes. Os mestiços também possuem herança genética dos negros. E o Brasil, como sabido, é um país onde a miscigenação é uma característica predominante, logo, só por ser brasileiro, culturalmente, possui origem afro.

pelo particular, ou seja, na reação contra a agressão racial branca pode tornar-se agressiva e dominante tanto quanto o outro.

Segundo Munanga (2012, p. 19), “o negro tem problemas específicos que só ele sozinho pode resolver, embora possa contar com a solidariedade dos membros conscientes da sociedade”. Problemas estes de origem psicológica: “alienação do seu corpo, de sua cor, de sua cultura e de sua história e consequente inferiorização e baixa estima, a falta de conscientização histórica e política”.

Estes problemas, o negro consegue superar graças à busca consciente de suas posições identitárias, e dessa forma, ele pode libertar-se do seu complexo de inferioridade e colocar-se diante dos outros oprimidos, o que é uma condição essencial para uma luta coletiva.

Munanga (2012, p. 19) constata que “o corpo constitui a sede material de todos os aspectos da identidade”, logo, é o fator primordial e indispensável para se pensar em uma identidade negra. Mas o negro, segundo Frantz Fanon (2008), em determinados momentos, fica enclausurado no próprio corpo. Não há como almejar reconhecimento de sua cultura e importância na história brasileira, fortalecer seus ideais no combate cotidiano das situações de discriminação e racismo sem elevar sua autoestima. Deve-se ter orgulho de sua afrodescendência e, com isso, reconhecer-se como um ser que também possui beleza. Afinal, não se deve considerar errado aquilo que simplesmente é diferente.

A autoestima, além de incluir a avaliação subjetiva que uma pessoa faz de si mesma quanto a ações, valores morais, está intimamente ligada à imagem corporal. O negro como todas as outras raças deve aceitar seu corpo, com as especificidades que a própria raça lhe incute: a cor negra, o cabelo duro, o nariz chato, olhos escuros. Santos (2012) concorda com o postulado de que o negro deve sentir-se mais autoconfiante para assim obter êxito na sua busca de igualdade e diz que o racismo, aliado à baixa estima, conspiram para seu fracasso social.

É a partir da constatação de que a negritude e ou a identidade negra necessariamente passa pela aceitação do corpo que elaboramos uma análise da história infantil **Menina Bonita do Laço de Fita**, de Ana Maria Machado e do conto afro-brasileiro “As Máscaras de Dandara”, de Serafina Machado². A protagonista da

² Visto que o sobrenome das duas autoras das obras analisadas é o mesmo, Ana Maria Machado será citada dessa forma: A.M.Machado e Serafina Machado, apenas Machado.

primeira obra não sofre preconceito e causa até admiração do coelho, seu vizinho, que queria ter filhotes negros como a menina, pois considerava a criança mais linda que já vira. A Menina se achava linda, e sua mãe sempre a enfeitava para que sua beleza negra fosse realçada. Já a protagonista do conto, Dandara, sofre racismo e possui sua autoestima baixa, tornando-a ainda mais excluída do meio onde vive. Somente quando passa a aceitar-se como ser/corpo negro, com suas nuances e características específicas da raça, é que passa a viver em harmonia com seu eu e com a sociedade, pois ao descobrir-se como corpo o faz também identitariamente.

Na história **Menina Bonita do Laço de Fita**, a menina negra é a protagonista. E o motivo do protagonismo é, especialmente, por ela possuir essa cor. A personagem é valorizada e reconhecida pela beleza de sua pigmentação escura da pele. Esses aspectos perpassam toda a narrativa.

Logo na primeira página do livro, a autora descreve e reforça as belas características físicas da menina: “Era uma vez uma menina linda, linda. Os olhos dela pareciam duas azeitonas pretas, daquelas bem brilhantes. Os cabelos eram enroladinhos e bem negros, feito fiapos da noite. A pele era escura e lustrosa, que nem o pelo da pantera negra.” (A.M.MACHADO, 2005, p. 2) Com esta descrição notamos que a autora qualifica a beleza da menina com adjetivos carinhosos (linda), com superlativos (bem brilhantes) e diminutivos (enroladinhos) e repetição (linda) para mostrar a delicadeza e a beleza. Além disso, compara a beleza da menina com coisas distintas: azeitonas, fiapos da noite, pelo da pantera negra, as quais se definem como de cor preta e que nem por isso são insignificantes, assim como a menina que é negra e tem seu valor.

Assim, acreditamos que além de uma grande lição de vida e exemplo de reconhecimento para as pessoas brancas, esta história é um resgate da identidade de milhares de meninas afrodescendentes, que ao lerem a narrativa podem se identificar com essa personagem, e perceber que a sua beleza é poderosa, encantadora e que foi capaz de deixar um coelho branco admirado, “achando a menina a pessoa mais linda que ele tinha visto em toda a vida” (p. 6). Ou seja, a beleza da protagonista é tamanha que até os animais como o coelho são capazes de se encantar e querer se igualar ou ter filhos dessa mesma cor.

A sequência da história mostra este encantamento do coelho pela menina em que ele destaca que gostaria de ter filhos com a mesma cor dela. Ao tentar se

transformar em um negro ele pergunta várias vezes: “menina bonita do laço de fita” qual é o seu segredo para ser tão pretinha?” (p. 7), e a menina fica tão surpresa, sem saber como responder e reage inventando algumas anedotas ao coelho como: “Deve ser porque eu caí na tinta preta quando era pequenina” (p. 7), “eu tomei muito café quando era pequenina” (p. 9), “eu comi muita jabuticaba quando era pequenina” (p. 11).

E a cada fato inventado o coelho tentava fazer a receita indicada pela menina, para também ficar pretinho: caiu na tinta, tomou muito café e comeu muita jabuticaba e nada funcionou, continuou branquinho. Mas, como ele era insistente, ainda retornou à casa da menina e repetiu a mesma pergunta, até que a mãe da menina interrompeu e falou o verdadeiro segredo: a descendência da avó negra.

Assim, finalmente, o coelho entendeu que ele não poderia ficar negro, pois sua família era toda branquinha, mas que se quisesse ter filhos lindos e negros como a menina do laço de fita deveria procurar uma namorada negra, e foi o que ele fez. Encontrou uma linda coelhinha escura, casou-se com ela e teve uma filhinha igualzinha à mãe, que se tornou a filha da menina bonita do laço de fita. E a coelhinha continuou despertando curiosidade sobre sua beleza negra, assim como a menina despertava, e sempre perguntavam a ela qual era o seu segredo para ser tão pretinha e linda, e ela respondia: “conselhos da mãe da minha madrinha” (p. 21).

Em suma, acreditamos que esta história é uma lição de vida para todos nós. É um livro que pode ser lido para os nossos filhos, sobrinhos, alunos, amigos e quem queira ler uma boa história, a qual ressalta e valoriza a beleza negra que é importante e parte integrante da identidade do nosso país.

Pensamos também que este livro pode ter uma função crucial com alunos nas séries iniciais, pois estimula o respeito, incentiva o anti-preconceito e, aos alunos negros, o livro pode lhes trazer maior aceitação por serem negros, assim todos os alunos aprendem a conviver com as diferenças e que elas só enriquecem o ambiente, as culturas, e promovem valores como o respeito, a união, a solidariedade e o afeto.

Há diversas atividades que podem ser trabalhadas e pensadas a partir desta história, mas acreditamos que a função principal é valorizar a beleza negra, aceitando o diferente e diminuindo a cada dia os olhares preconceituosos tão prejudiciais à vida de um ser humano. E que possam existir muitas meninas bonitas

do laço de fita ao nosso redor, com uma autoestima elevada, e que se aceitem, em primeiro lugar, pois o negro estando bem, confiante e sentindo-se feliz acaba atraindo somente coisas positivas para si, assim como para qualquer pessoa.

Levando em consideração o que expomos no começo deste texto, pode-se afirmar que a Menina da história não sofre um conflito de identidade, pois ela aceita seu corpo negro e não se vê como inferior. É feliz consigo mesma e por isso põe-se em pé de igualdade com os demais grupos. Sua autoestima é reflexo desse despojamento, do sentir-se bem em meio as outras pessoas, que historicamente, lhe negaram participação no convívio com a sociedade.

A menina incorporou no seu interior a identidade negra. E isso facilita os seus relacionamentos, pois não vê uma vítima e um culpado. Sente-se digna humanamente e não se obstina por causa da diferença.

O conto de Serafina Machado narra a história de Dandara, desde criança, passando pelos bancos escolares até a formatura na universidade e o início de sua carreira profissional como professora. Dandara é uma menina negra, “feia e tinha cabelos pixains que nunca cresciam. Ironizavam dizendo ser cabelo-bombril. O nariz amassado [...] Dentes esquartejadores, deformadores” (MACHADO, 2009, p. 109)³. Palavras difíceis de serem ouvidas, retratando o preconceito do branco contra o negro. Na verdade, Dandara é mestiça. As suas origens mais remotas são brancas:

A bisavó era branquinha, tinha olhos azuis...descendente de italianos. Casou-se com um negro e nasceu a avó: pele mais escura, mas ainda branca e com olhos azuis. Casara-se com um negro e seus filhos nasceram com a pele mais escurecida. Sua mãe também casou-se com um negro e ela nasceu negra, de cabelo duro e com o nariz amassado (p. 109-110).

Dandara sentia vergonha de sua imagem. Não gostava de ser negra, sentia-se inferior as demais colegas que eram brancas, lindas. Isolava-se pelos cantos da sala, e sentia o menosprezo e preconceito de quem a cercava. “Parecia que um simples olhar iria petrificá-la para sempre [...] para se proteger, decidiu esconder-se atrás de máscaras” (p. 107): as máscaras de Dandara.

Por detrás daquela menina que já sabia entender e reconhecer a maldade das pessoas e sentir inferioridade, até mesmo insignificância naquele meio que “não

³ A partir dessa citação todas as outras citações dessa obra serão somente mencionadas pelo número da página.

pertencia”, a menina demonstrava pureza e ingenuidade próprias de uma criança. Certa vez, quando de tanto sentir vergonha e medo de seus colegas por causas dos risos de deboches, ela não se conteve e urinou no canto da sala de aula. Sentiu-se como uma criminosa. Mas acreditava em fadas. A inocência revelou-se quando “juntou um pouco de pó de giz e jogou para cima, pedindo às fadinhas, que a transformassem em qualquer coisa, mas que escondessem aquela aparência que despertava tanto sarro” (p. 107 e 108).

Já nestes primeiros excertos aqui apresentados percebemos a baixa estima do personagem protagonista. Como atingir a felicidade, autoafirmação, independência, se ela não se sente feliz com sua imagem? Como encarar a discriminação se ela própria é conivente com tal situação? Lembramos que para Munanga o corpo é a sede concreta de todos os outros aspectos identitários. Ter consciência da busca por uma identidade negra provém, inicialmente, de reavaliar-se, aceitar-se, e descobrir-se para assim poder pertencer a um meio de uma forma equilibrada.

Dandara em vez de encarar a realidade, de acreditar na sua beleza e não se importar com o desprezo dos outros prefere camuflar-se usando máscaras. Ela quer escapar de sua negrura, quer provar sua brancura aos outros e, sobretudo, a si mesma. As máscaras são constituídas de materiais pouco resistentes, e em pouco tempo o racismo atinge seu rosto novamente. Outras até conseguem agradar aos outros, mas a sufoca a ponto de não aguentar.

A primeira máscara que usou era de MADEIRA⁴, mas os risos funcionavam como pregos que penetravam o material que deveria protegê-la. Os colegas cantavam a ela e debochavam: “Nega do cabelo duro, que não gosta de pentear...”; “Olha a neguinha do saravá” (p. 108).

Dandara queria ser aceita, queria fazer parte, pertencer. Mas não se ajudava. Continuou a usar máscaras de todos os tipos:

Simples, complexas, articuladas ou imóveis, zoomorfas ou híbridas, feitas de folhas, de cascas ou de tecido, de pele ou de couro, de conchas, forjadas em ouro, prata ou outros metais, esculpidas em pedra ou cozidas em cerâmica (p. 109).

⁴ No conto todas as máscaras aparecem escritas em caixa alta. Isso com a finalidade de proporcionar ao leitor uma visualização da dimensão da própria máscara: grande, encobrendo o rosto de Dandara.

Ao passar do tempo pouco foram as transformações. Não queria que as pessoas conhecessem nem o seu interior. Não se aproximava das pessoas com medo de rejeição. No início da sua juventude pôs a máscara de PLÁSTICO. Mas a máscara tinha uma cor especial que a fazia pertencer àquele grupo: branca. A cor branca lhe trouxe aceitação: “as pessoas diziam que estava bonita” (p. 110). Entretanto a máscara branca a asfixiava. O plástico por si só a queimava, corroia, causava dor. Arrancou e voltou a ser desprezada, pois a sua branquitude tinha sido provisória, instantânea. Sua máscara original negra voltou a lhe causar tristeza e insatisfação. Somente o desejo de ser salva não basta. Sua aparência mina, e enfraquece suas ações.

Dandara exemplifica muito bem o que Frantz Fanon disserta sobre o desejo do negro em embranquecer-se, de alcançar o padrão situado nas mãos dos brancos. Eis o que Fanon (2008, p. 188) diz:

O negro quer ser como o branco. Para o negro não há senão um destino. E ele é branco. Já faz muito tempo que o negro admitiu a superioridade indiscutível do branco e todos os seus esforços tendem a realizar uma existência branca.

A partir do dia em que a máscara branca a sufocou e com o ingresso na universidade passou a usar máscaras abstratas como a de COITADA, SIMPATIA, AUTOCONFIANÇA, AMÁVEL, SORRISO, COMPLEXIDADE, FELICIDADE E INDIFERENÇA. Dandara começou a se sentir mais confiante, porém as pessoas ainda a viam com desprezo. Era a melhor aluna, brilhante.

Dandara, concluindo o curso universitário, teve a oportunidade de substituir uma colega em um cursinho pré-vestibular. Atuaria como professora. Entretanto, o diretor, não sabia que a candidata tão bem referenciada pela funcionária, possuía a pele escura. Demonstrou desprezo e lhe deu uma desculpa que contataria com ela no outro dia. Ledo engano. Por mais que sua capacidade e inteligência superassem muitas as das outras candidatas, Dandara não foi escolhida por causa de sua aparência grotesca, na visão do diretor.

Como Dandara já podia enfrentar com mais coragem os “nãos” da vida, prosseguiu estudando e passou em outro concurso. Tornou-se recepcionista em um posto de saúde. Os pacientes e os colegas de trabalho continuaram vendo-a como um ser inferior, e destinavam a ela palavras ofensivas, agressivas. Tentou usar a

máscara SORRISO para quebrar a violência com que as pessoas se comunicavam com ela. Mas era confeccionada em papel manteiga e rapidamente a destruía com suas lágrimas de dor.

Dandara era infeliz: “o mundo parecia tão cruel que qualquer máscara parecia feita de areia e para uma mulher de areia. Mulher desmanchada pelo vento, despedaçada, dispersada de si. Perdida” (p. 113). Quando se formou, passou em um concurso para ser professora. Venceu por seus méritos e não por indicação de alguém como fora anteriormente. Ninguém podia esbarrá-la, ela daria as coordenadas agora. Assumiu a máscara da INDIFERENÇA e começou a mostrar aos colegas o quanto era inteligente e merecedora daquele emprego. Entretanto, a tristeza ainda persistia no seu interior e no seu olhar.

Quando se deparou com um professor substituto que veio àquela escola, apaixonou-se. Sentiu medo de ser enganada e ser motivo de chacota até mesmo do professor. Mas teve coragem, não se protegeu com máscaras. Entregou-se aos beijos e carinhos loucos. Seguiram para um motel, onde Dandara interrompeu as carícias do amado e se refugiou no banheiro, com medo de falsas promessas. Ele foi embora.

Esse momento foi crucial para a aceitação do seu corpo negro. Antes de entregar-se a um homem precisava ela querer-se, conhecer-se e gostar-se. Foi o que fez. Sentia que naquele momento não poderia usar máscaras, nem ser um personagem criado para se defender dos outros que não a aceitavam por ser simplesmente diferente do padrão. “Era necessário reinventar-se [...] descobrir-se” (p. 114).

Olhou-se pela primeira vez ao espelho com admiração: seus olhos castanhos, cabelos crespos, nariz achatado, sua pele negra. Barreiras antes intransponíveis, agora eram vencidas:

Passou as mãos nos cabelos. Tocou o nariz, as orelhas...Tocou levemente o queixo. Desceu a mão. Conhecia-se. Tocou os seios suavemente. Lá demorou. Amava-se. Com o indicador fez movimentos circulares, fechou os olhos e sentiu um arrepio maravilhoso que começou nos pés e terminou nos cabelos. / Tocou a barriga. Enfiou o dedo mindinho no umbigo e ficou ali acariciando-se. Ria sozinha. Explorava-se. A mão correu pelo ventre. Fechava e abria a boca. Mordia os próprios lábios. Beijava as mãos, os braços. Sentia-se. Desejava-se. Acariciava-se calmamente, pausadamente,

demoradamente. [...] Voltou ao quarto sem medo, sem disfarces, e entregou-se a si. (p. 114 e 115).

Essa é a última passagem do conto. A mais bela. Erótica e, ao mesmo tempo, a mais significativa para Dandara resolver seu conflito identitário. Desde criança queria “pertencer”, mas ela própria se subestimava. Queria ser aceita, ter amigos verdadeiros e ser valorizada na escola e no trabalho. Preferiu usar máscaras que a tornaram cada vez mais dilacerada, estranha, incapaz.

Ao descobrir-se pelo corpo resolveu seu problema de baixa autoestima que lhe impedia de ser. Como Munanga (2012) alertou-nos e já dito anteriormente, o ser humano começa a formar seus aspectos da identidade cultural a partir da aceitação do corpo. Podemos dizer que Dandara levou muitos anos para que pudesse estabelecer este vínculo entre corpo e realização pessoal, convicção, tomada de consciência de sua importância na sociedade que a cercava.

Fanon também ressalta que não tem valor algum questionar-se sobre ser superior ou inferior. E conclui sua grande obra dizendo: “gostaríamos que todas as pessoas sintam, como nós, a dimensão aberta da consciência” (2008, p. 191). Dandara assim fez. Tomou consciência de si, reconheceu-se e aceitou-se. Antes disso Dandara ilustrava com excelência o título da obra de Fanon: **Pele negra, máscaras brancas**. Sentia vergonha da sua negreza e disfarçava-se com máscaras para que pudesse não ser diferenciada dos brancos. Após o reconhecimento do valor de sua cor, da aceitação do corpo passou a ignorar as máscaras: “sorriu ao ver a única máscara que não poderia jamais tirar: sua própria pele. Pele negra.” (p. 114).

Ao encerrar esse texto comparativo entre **Menina Bonita do Laço de Fita** e **As Máscaras de Dandara** percebemos que enquanto a protagonista da história infantil, negra, aceita-se e promulga igualdade entre seus semelhantes, ela firma sua identidade negra. Ao reconhecer-se como tal, impõe a sua liberdade de ser e pensar, agindo positivamente na sociedade. Levando em consideração que a menina ainda é criança e ingênua, e que convive com a mãe e, Dandara já frequenta a escola e torna-se adulta, sendo madura e consciente da realidade que a cerca, ainda assim afirmamos que uma criança que desde cedo aceita seu corpo, sua cor, tende a sentir-se um ser com autonomia quando cresce.

Dandara desde criança sente vergonha de sua aparência e sofre muito com isso. Tenta modificar-se para ficar igual aos brancos e cada vez se torna vazia,

triste e confusa. Dandara contrariamente à Menina sente um conflito identitário, mas que é resolvido quando passa a gostar de si e a conhecer-se.

A revalorização e aceitação de sua herança africana fizeram parte do processo do resgate de sua identidade coletiva. Assim, Dandara pode entender que apesar de viver em um lugar onde a identidade branca é hegemônica, esta não é a mais importante, porque em nosso país, como diz Munanga “os sangues se misturam, os deuses se tocam, e as cercas das identidades culturais vacilam” (2012, p. 17 e 18).

Referências

- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 194.
- HALL, S. Identidade cultural e diáspora. Tradução de Regina Helena Fróes e Leonardo Fróes. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, n. 24, p. 68-75, 1996.
- MACHADO, A. M. **Menina bonita do laço de fita**. 7. ed. São Paulo: Ática, 2005.
- MACHADO, S. As máscaras de Dandara. In: RIBEIRO, E.; BARBOSA, M. (org.). **Contos afro-brasileiros**. v. 32. São Paulo: Quilombhoje, 2009. p. 107-115.
- MUNANGA, K. **Negritude: usos e sentidos**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.
- PEREIRA, A. M. Toma lá que o filho é seu: políticas públicas pragmáticas e outros desafios na institucionalização da luta contra o racismo. In: **Revista da ABPN**, v. 3, n. 7, 2012. p. 213-219.
- SANTOS, M. A. dos. **Negritudes posicionadas: as muitas formas da identidade Negra no Brasil**. Disponível em: <http://www.cp2.g12.br/UAs/se/departamentos/sociologia/pespectiva_sociologica/Nu_mero4/Artigos/marcio_andre.pdf>. Acesso em 5 de nov. de 2012.
- WOODWARD, K. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, T. T. da (Org); HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 7-71.